

J. 101FH

COMPRA

**OS NOSSOS**

*Semanario illustrado  
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
 Administrador: XAVIER DA SILVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
 17 DE FEVEREIRO DE 1908

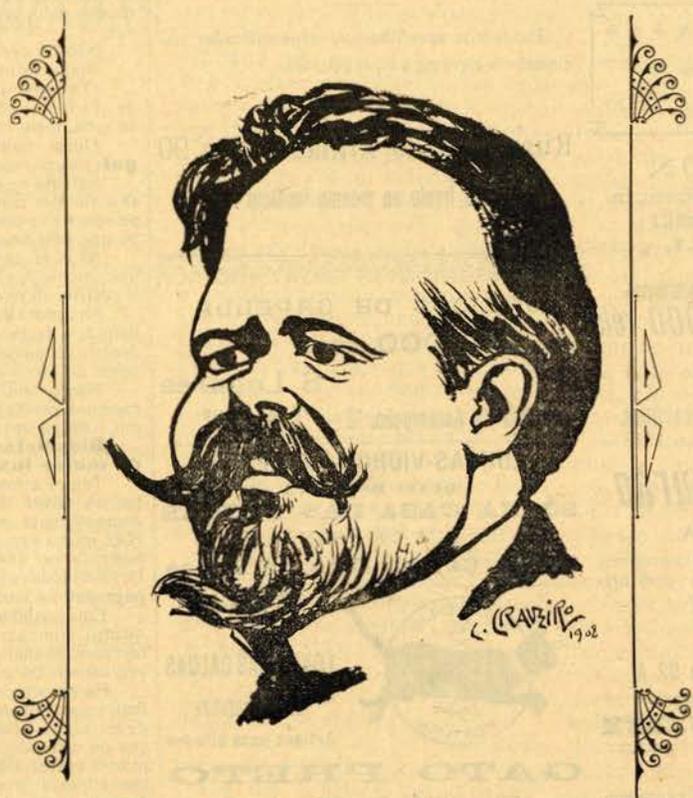
CONDICÕES D'ASSIGNATURA  
 (Pagamento adiantado)  
 SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias.....	300 rs
Colonias.....	400 »
Brazil (moeda forte).....	900 »

NUMERO AVULSO 20 REIS

Tiragem 6.000 exemplares.

**OS NOSSOS**  
 Dr. Antonio José d'Almeida



Quanta fé e quanto brilho.  
 Do quente verbo dimana  
 D'este valente caudilho,  
 Que com honra, segue o trilho  
 Da ideia republicana.

GRANDE DEPOSITO  
DE  
**MOVEIS DE FERRO**  
COLCHOARIA  
DE  
**JOSÉ A. DE C. GODINHO**  
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

**ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS**  
DE  
**Joaquim José d'Almeida**  
Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA  
(Antiga C. do Collegio)  
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

**SALVADOR VILLARINHO PEREIRA**  
Clínica Geral — Partos  
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde  
TELEPHONE 1573

**ALBERTO FERREIRA**  
MEDICO CIRURGIÃO  
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.  
Consultas das 10 ás 11

**ANACLETO DE OLIVEIRA** ♦ ♦ ♦ ♦  
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦  
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

**LUZ KITSON**  
Petroleo por incandescencia  
A mais brilhante, a mais economica  
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

**Retratos a Crayon a 2:000 réis**  
Carta a esta Redacção  
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

**Januario & Mourão**  
OURIVESARIA E JOALHARIA  
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.  
**PREÇO FIXO**  
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

**MOTORES DE AR QUENTE**  
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

R. Xavier da Silva  
Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
**CLINICA GERAL**  
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

**PIANOS**  
**A. NASCIMENTO**  
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordoações para pianos e harpas, etc., etc.  
**TRABALHOS GARANTIDOS**  
*Travessa aa Bica, 5 (ao Intendente)*  
LISBOA

**Pharmacia do Instituto**  
*Pasteur de Lisboa*  
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccituario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90  
Em frente ao mesmo Instituto

**JAZIGOS DE CAPELLA**  
**A 200\$000 réis**  
8 Logares  
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

**LOUÇAS-VIDROS-TALHERES**  
QUASI DE GRAÇA  
**SÓ NA CASA DAS LOUÇAS**  
33, RUA DA PALMA, 35  
**Pedro Carlos Dias de Sousa**

**EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS**  
Arte decorativa  
Artigos para brindes

**GATO PRETO**  
Rua de S. Nicolau  
(Esquina da R. do Crucifixo)

**DICYCLETAS INGLEZAS**  
VENDAS A PRESTAÇÕES



**CASA VELO-PORTUGAL**  
J. da COSTA BRAGA-21, RUA MARIA 23 LISBOA

DICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS ÁS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS  
ABREVIADA E DEGRADADA  
SUCCESSIONAL DE ERICO CALHOU - PIANOS PORTUGAL E ALBUQUERQUE - CAFFINO GERALDO

**A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR**

A bicycleta ingleza, de 1.º ordem que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de fórma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vér mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém 2 comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, sobémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

**Bicycletes das mais modestas ás de maior luxo por preços rasoaveis.**

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada: no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se póde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o sistema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

COMPRAR



## Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORS

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
LISBOA

Officinas d'impressão e composição

A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira

17 DE FEVEREIRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura  
(Pagamento adiantado)

SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias..... 300 rs  
Colonias..... 400 »  
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6:000 exemplares.



## E TORRADAS



a bastantes annos já, vieram a Lisboa alguns prestidigitadores, dos mais celebres que até hoje tem apparecido e, lembro-me, como se fosse hoje, dos notaveis trabalhos de Hermann, Velle, Saint-Hippolite e outros que despertaram a attenção de todos e occasionaram uma verdadeira mania.

Todos queriam ser prestimanos e, a verdade é que, entre centenas de curiosos, um ou outro conseguiu distinguir-se.

Hermann, que era incontestavelmente o primeiro entre os primeiros e que veio á nossa capital por varias vezes, alliava á mais extraordinaria habilidade, executando as sortes mais difficéis, inexcédível delicadeza e finura de trato; era um *gentleman*.

Não fazia mysterio dos seus trabalhos e ensinava-os com toda a facilidade ás pessoas que com elle privavam.

D'aqui a mania em que fallei e que se vulgarizou de tal modo que deu logar ás mais divertidas e graciosas sessões de physica recreativa a que tenho assistido.

Era então um rapaz na flôr da mocidade, com certas prosapias e fui

dos que consegui executar com alguma limpeza meia duzia de sortes, das mais facéis é claro, mas que serviam ainda assim para passar entre pessoas amigas horas divertidas.

Succediam se os episodios; as sortes desastradas d'alguns que se supunham habéis provocavam a hilaridade dos circumstantes e não poucas vezes, assisti a monumentaes *fiascos*.

A tudo resistiam porem os mais teimosos convenciões de que, os Velle e os Hermann, poderiam ser egualados e até excedidos por toda a gente que tivesse *apenas* alguma paciencia.

Escuso accrescentar que não passaram nunca d'uns imitadores muito insignificantes que, á força de massarem todos conseguiram que fosse caindo em desuso a prestidigitação.

Deu se, porem, no periodo em que a *epidemia* grassava com mais intensidade, um acontecimento muito interessante e que lhe deu o golpe de misericordia. Logo que o caso foi conhecido, ninguem mais tentou mostrar as suas habilidades, receando que fossem mal interpretadas.

N'uma propriedade das proximidades de Lisboa, um abastado lavrador convidou para uma caçada os seus amigos. Juntaram-se uns trinta.

Correu a caçada admiravelmente; o verão de S. Martinho apresentára uns dias brilhantissimos e temperados; tinham-se abatido centenas de coelhos e perdizes e ao anoitecer, os caçadores estavam reunidos n'uma sala em que foi servido o mais profuso e succulento dos jantares.

Quando se serviu o assado, a conversação estava animadissima.

Um dos convivas, um sujeito forte e espadado aproveitára o enthusiasmo com que todos falavam e conseguira juntar dois talheres de prata que, com pericia notavel, enfiou para dentro d'umas respeitaveis botas de

montar que trazia calçadas. Apesar, porem, da habilidade de que dera provas o conviva que lhe ficava na frente, deu pelo caso.

Na occasião em que se servia o café, fallavam todos com extrema animação; contavam-se as mais pyramidaes peripecias de caçadas, fallava-se de musica, de pintura e por ultimo de prestidigitação.

Appareceram logo quatro ou cinco curiosos exaltando as suas excepcionaes qualidades e, entre elles, destacou-se o que observára a scena dos talheres. Prometteu logo fazer uma sorte de assombrar e, approximando-se da mesa, juntou dois talheres e disse com solemnidade:

— Meus senhores reparem bem. Vou metter estes dois talheres dentro do cano d'uma das minhas botas. Reparem bem!

E ao mesmo tempo occultava as peças de prata.

— Estão convencidos de que estão aqui, não é verdade?

— Decerto, disseram alguns.

— Pois enganam-se. E batendo no cano da bota exclamou: Passe!

E apontando para o caçador que tinha escondido os talheres na occasião em que jantavam, accrescentou:

— Estão dentro da bota, do nosso amigo F...

Verificou-se a affirmativa com geral espanto e de todos os lados o felicitaram calorosamente.

Esqueceram-se, porem, de certificar-se depois se os talheres estavam todos e, só no dia seguinte, o lavrador soube que tinha sido roubado, quando uma das creadas foi dizer-lhe que lhe faltavam dois talheres de prata.

Os prestimanos teem muitas vezes estes esquecimentos.

JOÃO PACIFICO.



## NOTAS CIENTÍFICAS

## Chronica

## Intoxicação alimentar pelas carnes.

O tratamento dos variados envenenamentos alimentares repousa sobre a aplicação de inúmeros agentes medicamentosos, taes como purgantes, vomitivos, excitantes, etc; pode dizer-se no entanto que, no estado actual da sciencia, não ha, para caso algum destes, medicação especifica.

D'esta maneira de vêr decorre a consequencia de pedir ás medidas profiláticas o que a medicação não pode dar.

Pelo que diz respeito ás carnes, seria para desejar que se instituissem em todos os povoados, inspecções sanitarias eficazes, exercidas sobre o animal vivo e sobre *todo* o animal morto. Nos grandes centros, sabe-se, exerce-se esta vigilancia; isto porem está longe, muito longe d'acontecer em todos os pontos onde se matam animaes para consumo. Muitos annos há-de escoar ainda para o abismo do tempo antes que tal *desideratum* se realice, mas, como o fim é santo, todos os homens de boa vontade, de são criterio, incorporados ou não no batalhão scientifico, devem envidar o melhor do seu esforço para que taes exames sanitarios e vigilancia se generalizem e cheguem a toda a parte, tanto mais que, apesar de todos os rigores da mais escrupulosa e sabia observação, ha sempre difficuldade real em dizer que tal carne pode, sem perigo, servir d'alimento.

Quero referir-me ás carnes infectadas pelas *salmonelloses*, que são immediatamente toxicas para o homem; ora, a verdade é que se não sabe de maneira precisa quaes são as doenças dos animaes devidas a estes microbios.

Por outro lado, não é facil rejeitar, *in limine*, a carne de qualquer animal que soffrêsse de diarréa, abcessos, kistos, etc, porque em grande copia de circumstancias, taes carnes foram absorvidas sem perigo nem prejuizo para os consumidôres; a sua exclusão absoluta seria pois excessivamente onerosa, visto como se encontram casos taes a cada passo.

O unico recurso actual é o exame bacteriologico rapido de qualquer carne suspeita e a rejeição do artigo sempre que a analise prove a existencia d'um microbio do grupo das *salmonelloses*.

Fazêr o que deixamos apontado é já muito mas não pôe ainda o homem ao abrigo das infecções pela carne. Deve havêr o maximo cuidado e vi-

gilancia a fim de impedir que o alimento se infecte durante a manipulação que haja de soffrêr: isto é, alem das precauções elementares de limpeza e de protecção que são impostas pela lei em toda a parte do mundo, seria para desejar que fossem afastadas dos açougues, das salchicharias, das cosinhas, etc., as pessoas que se provasse haverem soffrido anteriormente de qualquer doença gastro-intestinal e isto até que a não contajiosidade estivesse absolutamente demonstrada.

Mas, nada disto se faz, ou faz-se tão pouco que melhor seria não fazer nada, para não enganar o vizinho do lado com uma falsa apparencia de segurança, de limpeza, d'acção: portanto será prudente aquêle que só utilizar os alimentos, e especialmente as carnes, depois de *bem cosidas*. A assadura nas brazas ou na grêlha é insufficiente, exceptuando talvez desta regra a carne do carneiro.

Escusado será dizer que a má apparencia duma carne e em geral de qualquer alimento, deve sêr razão bastante para a exclusão do consumo. A's vêzes porem a apparencia é boa e começou já uma alteração prejudicial á saude. Nesta orientação, o Sr. Cardoso Pereira diz no seu excellent livro sobre falsificações alimentares:

Casos d'esses estão longe de sêr raros e menos o serão, quando as pessoas competentes dirijam mais attenção para este gravissimo assunto. Os phenomenos desde ha bastantes annos conhecidos pelo nome de *botulismo* ou *allantiasis* e que são originados pela ingestão de salchichas pouco cosidas, estão nesse caso. Estes phenomenos nada tem que vêr com a putrefacção e no entanto são da maior gravidade pois que matam num terço dos casos. A toxina isolada é duma energia extraordinaria a todos os respeitois: a dose mortal é de 0,0005 a 0,0001 de c. c.

Na citada monografia se podem lêr ainda notas curiosas sobre a acção toxica da carne dos peixes, assim: são venenosos, entre outras, a enguia, que os judeus não comem, a sardinha, o bacalhau, o salmão, etc.

ARIOSTO PALMANDO.

## Pensamentos

A exactidão é a delicadeza dos reis

LUIZ XIV

O ciúme d'um namorado é uma homenagem: o do marido é uma offensa

CARMEN SYLVA

Todo o homem de bem se considera vingado quando enche de beneficios o seu inimigo

T. A. DIAS

## ESPIRITISMO

## Alem Tumulo

Comunicação atribuida  
ao espirito de EMILIO ZOLA

(Continuação)

Na sua frente, o horizonte, imenso, infinito, desenrolava-se, oferecendo á sua contemplação extranha e inacostumada particularidade: os mais variados e deliciosos matizes associavam-se, misturavam-se, harmonisavam-se maravilhosamente; aqui, era uma côr rosada e muito esbatida, aliada á docura do nacar e aos tons quentes do ambar, alem, uma vegetação imensa, admiravel, feita de plantas arborescentes, cujos ramos, leves e gracios se entrelaçavam suavemente; mais longe ainda, divisava-se o horizonte afogueado e, sobre este conjunto fantastico, sobre esta apoteose dos tons, sobre este grandioso triunfo do colorido, estendia-se como se fôra uma cupula cyclopica, um socêgo magestoso, imenso!

Ah! não era o socêgo triste e solitario da morte, não, era a quietação placida d'essa felicidade desconhecida sobre a terra e que só pôde emanar dum Deus, Unico Autor possivel de tantas maravilhas!

A breve trêcho, começaram perpassando ante o romancista entes vivos e humanos. Envolviam-nos alvas e amplas roupagens: crianças, adolescentes, adultos, solitarios, aos pares, em grupos. Estes fantasmas, leves, tenues, furtivos, caminhavam, uns animadamente mas sem prêssa, outros, pausadamente mas sem lentidão. Era como que se a agitação febril da terra houvéra desaparecido d'este mundo nôvo e cheio d'encantos.

O que, particularmente, feriu a attenção de Zola, foi o ar de felicidade e a doce alegria espalhadas nos rostos dos Espiritos.

Olhou mais atentamente!

Sôb as frondosas ramagens da floresta arborescente, via agora formarem-se grupos de pessoas que animadamente conversavam.

Ao longe, e com grande espanto seu, o horizonte mudou d'aspecto. Sobre um fundo de purpura e oiro, destacavam-se agora altas montanhas, de formas e côres extraordinarias. A floresta que ha pouco admirára, tornava-se mais escura, mais sombria e, no sólo, por entre os troncos, distinguia um sem numero de ridentes flôres. Aproximou-se, quiz arrancar uma das apeticidas corolas mas, ao tocar-lhe, a flôr desfolhou-se e desfez-se, tenue, efemera, vaporosa, como um floco de neve.

Duas jovens que deslisavam no espaço, olharam-no e riram francamente do espanto do romancista. A ale-

gria dos dois Espiritos amaciou-lhe a alma, e pensou:

Neste mundo extraordinario existe pois o riso?

Será esta a mansão da verdadeira felicidade?

Neste momento, um clarão vivo, intenso e avermelhado, feriu a vista de Zola.

«Eis a Terra», exclamou um Espirito que passava, como que respondendo á sua muda interrogação.

A Terra!... Mergulhado na sua estupefaciente contemplação, houvera esquecido por completo.

Ha quanto tempo a abandonára? Ignorava-o absolutamente.

(Continúa.)



## O Crime

### "Dellard"

GORON

(Continuação)

V

De repente abriu-se a porta do quarto e o barão Dellard. entrou no aposento; ao vê-lo, Anastay teve um estremecimento rapido e estacou.

—«Sr.» disse Dellard, sem poder dominar a natural comoção, — se na sua alma houvesse logar para um vislumbre, sequer, de remorso, devia cair de joelhos, contrito e pezaroso, n'esse mesmo logar onde assassinou a minha desditosa mãe.

Anastay, refeito já e sem pedêr o aprumo, encarou o barão e disse-lhe:

—«Garanto-lhe, sr. barão, que está perfeitamente enganado.»

Descemos ao patio: já lá estava á nossa espera aquelle sr. M... pessoa a quem já por varias vezes nos temos referido e que, de todas as testemunhas, era a que melhor e com mais socêgo tinha visto o assassino. Ao deparar-se-lhe Anastay, exclamou:

—«Ora até que afinal reconheço o bigode ao homem! Não pôde haver a menor duvida; assim, á noite é que vejo que a cor é a mesma. Reconheço-o perfeitamente; foi o sr. que esteve a falar comigo no dia 24 de Dezembro, na rua des Filles-du-Cal-«vaire.»

Ouvindo estas palavras, Anastay perdeu a paciência e retorquiu asperamente:

—«Tome cuidado... o sr. é que está cometendo um assassinio.»

—«O assassino é você,» exclamou M... sêca e firmemente, — «até lhe reconheço perfeitamente a voz.»

Para mim, o testemunho de M... era o unico que tinha importancia real e verdadeira. As declarações de Delfina Honbre, apesar de têr sido ferida pelo assassino de sua ama, eram de valor insignificante; durante a lucta que sustinhou com elle, mal o viu, por quanto o candieiro havia caído

## Mascaras illustres



Hamilton d'Araujo

no chão, apagando-se logo. Durante a aca-reação quasi o não fitou; dir-se-hia que a rapariga obedecia a uma como sugestão, quando gritava que aquelle homem tentara matá-lo.

Decididamente, o depoimento de Delfina Honbre não tinha valor algum decisivo.

Pêlo contrario, a declaração de M... era d'uma simplicidade e d'uma nitidez que logo me convenceram e que, certamente deviam convencer os jurados.

Quando voltei ao meu gabinete encon-trei-me perfeitamente soçegado e convencido da culpabilidade de Anastay. Mr. Poncet partilhava absolutamente da minha opinião.

Resolveu-se tornar a interrogar o acusado:

—«Em que empregou o seu tempo no dia do crime?»

—«Jantei em casa d'uma familia das mi-nhas relações.»

—«Diga-nos o nôme do chefe d'essa fa-milia e a morada?»

—«Não tenho n'isso a menor duvida: «M... L. D... moradora no boulevard Richard Lenoir n.º...»

—«Muito bem, disse Mr. Poncet, levem o acusado.»

Anastay retirou-se e ficámos conferenciando, eu e o juiz.

M... L. D. era uma sr.ª muito conhecida. Enviuvára d'um official superior do exercito e todos a consideravam como dama d'ex-trema honrabilidade.

Resolvêmos mandar pedir a esta sr.ª o favor de vir falar-nos. M... L. D. morava muito perto da casa onde fôra cometido o assassinio; compreende-se pois a enorme importancia que teria o saber-se a hora exacta em que Anastay entrára em casa d'ella.

Em quanto á esperavamos, jantámos á pressa e no meu proprio gabinete; M... L. D. não se fez esperar; acompanhava-a seu filho, que fôra amigo de collegio do Anastay. Recebemos a viuva em a nossa sala de jantar improvisada. O depoimento começou logo sendo necessario que o meu secretario servisse de escriptivo porque, estando áquella hora já fechado o Tribunal, não era facil encontrar um d'estes funcionarios encarta-dos; alem disso, era necessario procedêr rapidamente, não deixar para amanhã o que pudesse fazer-se hoje.

E tambem porque, sendo a noite boa con-selheira e Anastay nada tólo, poderia, até ao dia seguinte, achar, combinar, concertar algum meio de defesa que nos embaraçasse.

Não dissêmos a M... L. D. que Anastay era o suposto assassino da baroneza Dellard: limitámo-nos a perguntar-lhe se o conhecia.

—«Perfeitamente, respondeu, é um dos «amigos de meu filho.»

—«Ha muito tempo que o não vê?» in-terrogou Mr. Poncet.

—«Muito tempo, não, disse M... L. D... ha... talvez... uns vinte dias. Agora me

lembro, jantou comigo e em minha casa, exactamente no dia em que assassinaram uma senhora idosa que morava no boulevard du Temple...»

—«Lembra-se, minha sr.ª, da hora precisa em que Anastay entrou, nêsse dia em sua «casa?»

—«Parece-me que sim, disse a viuva, fazendo um esforço de memoria,» eu lhe digo «era quasi noite; lembro-me muito bem porque, quando Anastay tocou a cam-painha, olhei para o relógio; eram quatro em ponto e dispunha-me a acender o can-dieiro de gaz.»

Troquei um rapido olhar com o juiz d'instrução.

Quatro horas! e o crime fôra cometido ás cinco menos um quarto!

—«E a que horas saiu Anastay de sua «casa?» perguntou Mr. Poncet.»

—«Por volta das dez da noite. Jantou «comnôco; nunca o vimos tão alegre, riu, «brincou e fez mil castelos no ar, combi-nando projéto futuros para a sua vida.»

Um raio que nos caísse aos pés não nos assombraria mais intensamente do que esta declaração.

Como o filho de M... L. D. tivesse ficado n'um gabinete proximo em quanto sua mãe depunha, julgámos conveniente ou-vil-o e pedimos-lhe para entrar.

Questionado sobre o assunto, declarou:

—«Nêsse dia, entrei em casa quando soa-vam seis horas no relógio; até minha mãe «disse que o Anastay estava ali, á minha «espera, havia duas horas.»

Era demais! Pedimos ás testemunhas o obsequio de esperarem por nós alguns mi-nutos, rogando-lhes a fineza de entrarem no gabinete do meu secretario. Ficámos sós, em frente um do outro, o juiz d'instrução e eu!

(Continúa)

## Duas Lagrimas

Como perla de rócio, tão macio,  
Sobre o tenro botão d'uma assucena  
Vi uma gotta de pranto que, serena,  
Deixaste resvalar, partindo o sino.

Eu bem a vi, com doce desvario,  
E, de teu peito ao descobrir a pena,  
Rompendo o dique de meu pranto, amena  
Gotta brotou do peito meu, já frio.

Lagrimas ambas, ao calor nascidas,  
D'aquelle amor, da nossa vida encanto,  
Brotaram e morreram sempre unidas.

Mas foi da minha dor consolo santo!  
Já que nunca hão de unir-se as nossas vidas,  
Ver resvalar muito o nosso pranto.

VICTORINO SILVA.

## Saudade

Passa o tempo ligeiro como a vida,  
foge um dia, outro dia vem passar  
e os risos os prantos vão formar  
e a alegria em tristeza é convertida

Prostados n'essa rude e triste lida,  
sentimos nossos sonhos expirar  
como estrelas que deixam de brilhar  
junto á lua na concha indefinida!

Fenecem uma a uma as illusões,  
morrem as esperanças lentamente  
na atonia letal dos corações.

Acaba pouco a pouco a mocidade,  
mas no pó do passado tristemente,  
existe sempre viva uma saudade

MARCO SIRE.

## O ALMA-NEGRA

## BORDADOS E RENDAS

## Forget me not

— Deolinda —

O Merlo, ás oito da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taverna; e, espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher:

— A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino.

— Credo! — exclamou a mulher com as mãos na cabeça. — Nossa Senhora nos acuda!

— Leva de rumor! e punha o dedo no nariz.

— O' Joaquim, ó marido da minha alma, lembra-te dos tres annos que penaste na cadeia! Olha para aquelles quatro filhos!

— Já te disse que não me cantes — e relanceava-lhe o seu formidável olhar vesgo incidido com os lampejos da candeia, em que afogueava o cachimbo de pau. Depois, foi tirar d'entre a cama de bancos e a parede uma velha clavina. Sentou-se á lareira e disse á mulher que tivesse mão na candeia. Enroscou o sacatrapo na ponta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a buxa de musgo, e depois, voltando o cano, vasou o chumbo na palma da mão.

— O' Joaquim vê lá o que vaes fazer! — insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa.

E elle assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras. A mulher soluçava, e elle, cantando n'uma surdina rouca:

Leva avante portuguezes  
Leva avante, e não temer...

— Pelas chagas de Nosso Senhor, lembra-te dos nossos pequenos.

E o Merlo, n'uma distracção lyrica:

Pela santa liberdade  
Triumphar ou padecer...

Depois bufava para dentro do cano e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sopro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras de algodão em rama, enroscou as n'uma agulha de alabarda e escarafunchou o ouvido do cano.

— Está suja — disse elle — dá cá um todo-nada de aguardente.

— Joaquim, vamo-nos deitar, pelas almas! Não te desgraces.

— Traz aguardente e cala-te, já t'ó disse, mulher, com dez diabos! — E poz-se a assobiar a *Luizinha*. Enroscou algodão embebido em aguardente no sacatrapo e esfregou repetidas vezes o interior do cano até sahirem brancas e secas as ultimas farripas de zaracoteia. Soprou novamente e o ar sahia sem estorvo pelo ouvido com um sibillo igual. Parecia satisfeito, e cantava a meia voz:

Agora, agora, agora,  
Luizinha, agora.

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, intro-



duzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo polegar, para certificar-se de que o desarmar, a caxêta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fuzil de aço, que fez um som rijo na mola, e friccionou-o com polvora fina; e, com o bordo de um navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira, que faiscava.

— Valha-me a Virgem! Valha-me a Virgem! soluçava a mulher.

E elle zangado com as lastimas da mulher, com expansão raivosa:

E viva a nossa rainha,  
Luizinha  
Que é uma linda capitôa.

— Vae á loja, atraz da ceira de fijos, e traze o maço dos cartuchos e uma cabacinha de polvora de escorvar, que está ao canto.

A mulher dava as coisas, a tremer; e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou:

— Mau!... Mau!...

Carregou a clavina com a polvora de um cartucho, bateu com a coronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara, para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buchas de papel de cartucho, bateu-as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Agora, agora, agora,  
Luizinha, agora,

Depois pegou na clavina pela guarda-matta, e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado á beira da enxerga dos quatro filhos a chorar; o mais novo, esperneava, dava vagidos na cama a procural-a. O *Alma-Negra* fôra dentro, beber uns tragos de aguardente, voltou enroscado n'um capote militar, despojo das batalhas da *Maria da Fonte*.

— Ora agora — disse elle — ouviste? porta da cosinha e cancella da horta abertas, porque eu venho pelo lado do pinhal.

— Vae com Nossa Senhora — disse a mulher — e poz-se de joelhos a uma estampa do Bom Jesus, a rezar muitos *Padre Nossos* a fio.

Não me esqueças, Mulher, que não me esquece

A luz do teu olhar, que me embriaga  
E abriu em mim a cruciante chaga  
D'uma paixão, que minha vida aquece...

Resa por mim a dolorida prece  
Da tua desventura triste e vaga!...  
Este vulcão, Mulher, não arrefece!...  
Arde e fulgura... que jamais se apaga...

Não me esqueças, Mulher!.. Pelo sol pôr  
Sentimental evoca o meu amor  
E, longe, lembrarás que te estremeço...

Teus olhos tenham lagrimas .. piedade  
Para tamanho amor, tanta saudade!..  
Não me esqueças, Mulher, que eu não te esqueço

EDUARDO METZNER.

## A Incerteza

Não ha dôr mais intensa, não ha chaga mais sangrenta, do que a produzida pela Incerteza.

Por mais aguda que seja a lamina d'um punhal, por mais vigoroso que seja o pulso que o maneje, jamais a ferida produzida tem, em profundidade, em torturantes effeitos, os horrores do golpe vibrado pela mão brutal da Incerteza.

Sabei-o do Ente que sincero amor dedicar a alguem, quanto soffre se um motivo fortuito lhe impede de vêr o objecto do seu devotado culto, e d'elle não pode haver noticias que o aquietem e elle vos dirá: «A incerteza é mil vezes peor do que a morte!»

Perguntae-o á mãe que, debruçada sobre o berço de um filhito enfermo, toda a noite passou em claro, espreitando-lhe os movimentos e interrogando com os olhos rasos de lagrimas, a mudez das trevas, o trémulo bruxolear da luz que frouxamente allumia a alcova, e ouvireis escapar-lhe dos labios supplices:

«Oh! Deus de infinita misericordia, ponde fim a esta incerteza que me mata!»

Inqueri do Homem que se julgou com direito de tirar a vida a um seu semelhante, e a quem os codigos pe-naes — obra dos homens — põem a tratos n'uma enxovia infécta, sem luz, sem ar, entregue a si proprio, ignorando o seu destino, não preven-do o dia de amanhã, e elle vos responderá:

«E' preferivel a morte a esta incerteza!»

E lembrar-se a gente que a Vida não é mais do que uma serie ininter-rupta de *Incertezas*.

# NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÉRES

José Augusto de Mello Vieira

IV

O dia 3 de setembro passára-se sem novidade, o grupo de esquadões e a 16.<sup>a</sup> indígena haviam partido para o Forte Roçadas escoltando novo comboio de reabastecimento, os sapadores cavando ao mesmo tempo na vinha e no bacello, e sob a direcção do nosso incançavel camarada Jonet, haviam concluído o posto militar do Aucongo, já entregue á sua guarnição, e aberto na direcção S uma boa porção de caminho atravez de densissimo matagal.

A ordem d'esse dia dissera, simplesmente, n'aquella simplicidade das ordens militares, que era necessario ir desalojar o inimigo numeroso que se concentrára, conforme informações, nas libatas do Munhal, que ficavam proximo do acampamento. Receberam-se as instrucções complementares e no dia seguinte a columna, desfalcada em duas companhias d'infantaria, em dois esquadões e em alguma artilharia e aligeirada pela ausencia do formidavel comboio, punha-se em marcha em direcção ao Munhal, pelas 6 horas da manhã, seguindo a principio o caminho já traçado e começando depois a enveredar pelos enormes campos de *massambala* que aqui e ali se entreameavam com o matto de *mutiati*.

Até ás 7 horas, pouco mais ou menos, a marcha fez-se em completo socego e n'um silencio apenas quebrado pelo bater dos machados nas arvores e pelo cadenciado do passo dos nossos bravos soldados de terra e mar. A essa hora porem ao entrarmos n'uma chana onde se avistava um grupo de tres libatas—as do Munhal e que representavam o nosso objectivo—ao fogo da artilharia que as começou destruindo respondeu com espantosa violencia o ataque do inimigo que da frente, direita e esquerda, em furia verdadeiramente leonina se oppunha tenazmente ao avanço da columna. Foi necessario estacar e assim se fez. O quadrado começou vomitando fogo certo e mortifero (soubemo-lo mais tarde por testemunhas fidedignas) mas parece que as nossas proprias ballas se transformavam em pretos, tal era o redobrar de loucura no ataque dos cuamatás.

O commandante mandou então, eram 9 e meia da manhã, avançar para a esquerda, afim de procurar n'este movimento distrahir o inimigo com uma simulada retirada n'aquella direcção.

O quadrado marchou á ordem do seu chefe e ao toque de—marchar para a esquerda—feito pelo corneteiro d'ordens. Na frente o inimigo procurava entrar o movimento mas a

intensidade das nossas boas descargas obrigou-o a afastar-se o sufficiente para podermos manobrar. Estavam incendiadas as libatas do Munhal, nada nos obrigava a permanecer mais tempo na chana de Macuvi, tanto mais que as baixas eram já relativamente importantes; assim o entendeu o commando, recebendo a columna outra vez ordem de—marchar para a esquerda—seguinte por consequencia na direcção do Aucongo e em sentido contrario ao da marcha inicial.

Ao começarmos o movimento o inimigo atacou-nos ainda mais violentamente a rectaguarda, a direita e a es-

a entrar nas trincheiras foi o pelotão da Companhia de marinha do commando do 2.<sup>o</sup> tenente Rego.

Ha muita somma de factos de alto valor e coragem a citar n'esta renhiddissima acção—sem duvida uma das mais importantes de toda a campanha—mas não cabe na indole d'estas despretenciosas notas o seu registo, não porque não fossem elles uma lição linda de verdadeira abnegação e heroico patriotismo, mas porque uma falta que podesse haver podia ser tomada á conta de propositada exclusão e, por muito completos que sejam uns apontamentos, não passam nunca de apontamentos.

A columna n'este dia, estando debaixo de fogo apenas 3 horas e meia, teve as seguintes baixas: mortos 4, europeus feridos 16, indígenas 6.

(Continúa)

## A Viella

Falam em calão grosseiro  
uma rameira e um vadio,  
bairrista pernalta, esguio,  
que outr'ora foi marinheiro

Descanta-se ao desafio  
na loja d'um taberneiro;  
emquanto, á esquina, o candieiro  
vela tristonho e sombrio.

Tossindo, um tuberculoso  
fere a nota da desgraça  
no seu casebre musgoso.

E o guarda, de sentinella,  
vigia um ebrio que passa  
aos zigue-zagues na viella...

(Das Canções da Vida)

LUIZ CEBOLA

## AMANHECENDO...

Vem já rompendo o sol. Os passarinhos  
Sudando o novo dia alegremente,  
Afastam-se velozes dos seusinhos.

Além, no verde prado, em voz dolente,  
Geme o pastor monótona canção....  
Ao longe um rio desliza brandamente....

Rompe-se a pouco e pouco a solidão.  
A luz do sol em todo o seu splendor  
Enche-nos d'alegria o coração.

A Natureza é toda paz e amor....  
E ao longe, lá na fimbria do horizonte  
Destaca-se uma aldeia d'alva cor...

Sentada junto á bica d'uma fonte  
N'um doce idyllio com seu noivo amado  
A camponesa ri d'um modo insonete,

Ignorando talvez o negro fado!  
No azul do firmamento, o arrebol  
'Sprai-se n'um clarão avermelhado....

.....  
Amanhece. Vem já rompendo o sol.

Lx.<sup>a</sup>-4-Fev.<sup>o</sup>-908

MAC ILLERMO

## Figuras do Palco



A ACTRIZ

Angela Pinto

querda, apertando-nos de muito perto com o seu fogo bem dirigido. A companhia de marinha e dois pelotões do 12, creio eu, que agora constituíam a face da rectaguarda sob o commando do 1.<sup>o</sup> tenente Sepulveda, o commandante do 1.<sup>o</sup> escalão, retiravam por pelotões e bem vagarosamente o podiam fazer pois as peças e a proximidade do gentio não permittiam presas nenhuma.

Na direita a folga não era maior, de quando em quando, para respirar, era preciso volver ao flanco e fazer umas descargas para afugentar os negralhões. Na esquerda o fogo era bastante nutrido tornando se até necessario para que a marcha se podesse fazer mais seguramente, pois o matto era cerrado bastante e o terreno elevado para o lado da campanha, que uma peça Canet, dirigida pelo commandante da bateria em pessoa, tendo como apoio um pelotão da companhia de guerra do batalhão disciplina, avançasse para fóra da face e até final contivesse pelo fogo a respeitavel distancia os aguerridos pretos. A marcha assim dirigida fez se em prazos relativamente diferentes para cada escalão e, claro tambem, para os diferentes elementos dentro de alguns escalões. Assim lembro-me que a ultima fracção

# CLARISSE

(Continuação)

III

A surpresa dava sem duvida á minha physionomia expressão singular, porque a menina de Gavre não pôde deixar de sorrir, enquanto o major me perseguia com os seus sarcasmos a proposito da minha pouca pontualidade. Julguei que devia desculpar-me, não da minha demora, mas d'esse espanto que era, certamente, incompreensível por isso que ignoravam o motivo.

— Perdão, minha senhora, disse finalmente, mas a presença de v. ex.<sup>a</sup> aqui explica-me muitas cousas que eram para mim, desde hontem, verdadeiros enigmas.

Clarisse de Gavre, não compreendendo nada, sem duvida, das minhas palavras, contentou-se em inclinar a cabeça sem responder.

— Que enigmas são então esses, Maurício? perguntou o major.

— Ch! é muito complicado para si, major, respondi olhando para Clarisse.

— Ah! replicou elle com indifferença.

E vendo que não fazia caso algum do que me dizia, encostou-se ao canto e fechou os olhos, sem se importar absolutamente nada com a proverbial galanteria franceza.

Aproveitei, pois, a liberdade que me deixava para examinar mais attentamente aquella bella creança que o acaso approximava de mim por todo aquelle dia, exactamente no momento em que me julgava ameaçado de não a tornar a ver.

Tinha tudo a ganhar em ser vista de perto. Os grandes olhos de azul escuro e profundo, illuminavam admiravelmente uma fronte cheia de pensamentos que coroavam dois simples bandós de cabellos escuros, com reflexos dourados; os labios delgados, cor de rosa, orgulhosos no repouso, affastavam-se ás vezes e davam passagem a esses sorrisos da mocidade, francos, que segundo a expressão d'um grande poeta *deixam ao mesmo tempo ver a alma e duas enfiadas de perolas*.

O corpo, gracioso, apesar d'um pouco delgado, trahia ainda a creança. Uma d'essas mãos pequenas e de adoravel desenho, ia sem luva ligar-se ao pulso cuja delicadeza seria signal de raça para aquelles a quem a experiencia não ensinou que estas distincções de fórma se encontram muitas vezes tanto nas creadas de servir como nas duquezas. O vestuario muito simples, tinha frescura e gosto delicado. Nada, finalmente, detinha o olhar n'aquella bella creança, mas cada minucia, por não ser saliente, deixava de ser irreprehensível e o conjuncto era encantador.

O major, Deus lhe perdôe! come-

cou a risonnar. Compreendendo que o silencio, prolongando-se, se tornava cada vez mais embaraçador, decidi-me a interrompe-lo.

— Gosta de pintura, minha senhora? perguntei bruscamente.

— Vejo-me forçada, senhor a fazer-lhe uma confissão humilhante; é que, não tendo sabido nunca da minha provincia, ainda não estive em condições de adquirir os conhecimentos necessarios para comprehender e para julgar as artes.

— Que importa se é capaz de as sentir, e estou certo que é...

— E o que lhe dá essa certeza, muito lisongeira, mas um pouco aventureira?

— Provavelmente o desejo que tenho de consultar alguém sobre o assumpto d'um quadro que me atormenta desde hontem e pensei que quereria...

— Ser esse alguém?... Da melhor vontade, senhor. Estou prompta a ouvir a sua confidencia, e aventurar-me-hei até a dar-lhe um conselho, persuadida que fará o que, geralmente, se faz. Vejamos primeiro o assumpto, peço-lhe.

— Eil-o, minha senhora. Sob as arvores d'um parque uma menina encantadora...

— Naturalmente, interrompeu Clarisse com alguma ironia.

— E' surpreendida por passeantes, continuei eu sem pestanejar, no momento em que, com os olhos cheios de lagrimas, lê uma carta; levanta-se rapidamente e, occultando a carta no seio corre para o bosque.

Ouvindo-me descrever a scena em que fôra, na vespera, a principal ou antes a unica actriz, Clarisse não pôde disfarçar profunda commoção. Olhou para mim como que assustada, parecendo perguntar-me com que direito devassava assim os seus segredos.

— E foi hontem que teve esse pensamento, senhor?

— Foi, sim, minha senhora, respondi eu; é uma scena de que o acaso me fez testemunha, ha já algum tempo, mas que me voltou á memoria esta noite e pareceu-me que talvez podesse tirar algum partido d'essa formosa menina no momento em que lia uma carta d'amor...

— Porque rasão d'amor? perguntou vivamente Clarisse que, um pouco socegada pela primeira parte da minha phrase, se sentiu novamente impressionada pela ultima.

— Oh! minha senhora, porque quererá que uma menina se vá occultar no fundo dos bosques e chore tanto ao ler uma carta, se essa carta não falla d'amor? E' a primeira explicação que, como eu, todos dariam.

— E, como o senhor, todos se enganavam, replicou a menina de Gavre com séria e sincera vivacidade que não deixava a menor suspeita. Não é então bastante, para aquelles que choram, a causa real das suas lagrimas, sem que possam evitar ve-las

interpretar segundo a phantasia do primeiro indiscreto que pode surprehende-las?

Uma nuvem assombrou a frente de Clarisse como se estas ultimas palavras lhe houvessem trazido ao pensamento alguma recordação dolorosa. Tinha-a, é verdade, incommodado de proposito e com interesse puramente egoista. Mas, a minha curiosidade, quasi socegada ácerca dos pezaes da minha companheira de viagem, tornando se menos viva, tornou-se tambem menos cruel. Quiz que ella me perdoasse e tirei tão bom partido da alegria que me causava o meu descobrimento que consegui tranquillisa-la restituindo a serenidade á physionomia da menina de Gavre.

D'alli a pouco a nossa alegria attingiu proporções taes que o major accordou e deitou-nos um olhar em que a benevolencia não entrava em grande parte; mas os seus olhares dirigiram-se para a estrada e o meu *amavel* primo sorriu.

A surpresa que, a principio me causou esta subita mudança, cessou logo que, tendo lançado os olhos para o horizonte, vi um campanario terminando um grupo de casas brancas.

Um quarto de hora depois, estavamos effectivamente no caes de Port-Launay, presidindo ao embarque das nossas bagagens.

TRADUÇÃO.

(Continúa)

## Tragedia do Poente

Ao Jayme Corrêa, com a fraternal amizade e gratidão immensa

Osírica tragedia. Ardem como fornâlhas  
As cavernas do Sol sobre o már de saphira...  
Symphonia de chromo... o horizonte delira...  
— Delirium — tremens — de luz, sardonicas  
poálhas.

O sol em combustão — Waterloo de metralhas  
Sangrentas a fulgir! Cordas flâvas da lyra  
De Óssiam! Crepitar de brahmanica pyra  
Ou de um clarim soando em ancestraes batallas

Como um vencido athléta o Sol tragicamente  
Tombou em convulsões na arena do Poente.  
— Luminosa explosão de rutilas granadas!

Refletem-se clarões, scentelhas triumphaes,  
Nos castellos a arder com torres ogivæes  
Ao brilho sideral dos gumes das espadas

EDUARDO METZNER.

## Cumulos

Da agilidade — Dançar na corda d'um relógio

—  
Obturar os dentes d'uma serra

—  
Ear corda a um relógio de sol

—  
Dar vista a um nó cego

## FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Manoel A. R.

Tenha cuidado com a saúde, muito cuidado. Tem grande tendência para a neurastenia e especialmente para os fenómenos cerebraes desta doença.

A sua astralidade está subordinada à Lua e este facto augmenta-lhe a tensão nervosa e desenvolve-lhe as faculdades imaginativas.

O Snr. é um exaltado. A excitação da sua sensibilidade pode crear um poeta ou um artista, um nevrotico ou um louco.

Não leia de mais!

Será pae de filhos que lhe darão consolo e felicidade.

O seu nome hade ter uma certa celebridade.

Aos quarenta annos verá prosperar os seus negocios.

Aos cincoenta e oito terá uma gravissima doença.

Perderá a mãe de seus filhos.

Consulente: — José L. C.

A sua astralidade é regulada tambem pela Lua, deve pois, a exemplo do consulente que o precede, ter cuidado com a saúde e evitar tudo que possa fazer explodir a neurastenia. O Snr. é vaidoso, gosta que o lisonjeem e tem grande tendência para a preguiça.

E' um tímido e um pensativo!

Em certos momentos o seu raciocinio é pronto, claro, penetrante, rapido: noutras occasiões a sua razão parece obscurecida, não é capaz de formar um juizo, de tirar uma conclusão. Quantas vezes o Snr. se hade ter admirado desta dualidade psicologica!

Adorará as mulheres; fará com ellas grandes despezas e por ellas enormes sacrificios!

Baldado empenho! Não será amado do bello sexo.

Viajará e nas viagens correrá perigos.

Aconselho-o a que não ande alta noite fóra de casa.

Ganhará todas as demandas que tivér e... não hão-de sêr poucas.

Apesar do que lhe disse sobre o amor das mulheres, asseguro-lhe que casa e será com uma estrangeira.

Depois dos trinta e cinco annos corrêr-lhe-hão maravilhosamente os negocios.

Hade sêr prêsso, pelo menos uma vez!

Se não fóra a sua indolencia natural seria feliz!

G. C.



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabellos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feição do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores à consulta. Saúde dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabellos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— Tem tendência para a violencia, para o despotismo?

— E' cabeludo ou glabro?

— Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?

— Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vezes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabellos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

## A vida

Visitei o cemiterio,  
Que mysterio  
N'aquella mansão da paz!  
Olhei as cruces singelas  
Todas ellas  
Apontando um; «aqui jaz!»

Contemplei a campa fria,  
Tão sombria,  
De mil virgens cella estreita!  
Meditei nos risos, dôres,  
Prantos, flôres  
De tanta illusão desfeita!...

Recordei odios, paixões,  
Caprichos da negra sorte,  
Reciprocas affeições

Dos que alli teem jazida...  
E então, no campo da morte  
Li o poema da vida!...

Evora

JOSÉ CORDOVIL

## Semana Alegre

— Por que põe a chavena de chá sobre a cadeira?

— Oh, é que o acho tão fraco que me parece dever deixal-o descansar um pouco.

N'um exame:  
O professor — De que morreu Socrates?  
O examinando fica embuchado e mascando em secco.

Um collega que está ao lado diz-lhe baixinho:

— Envenenado com sicuta.  
O alumno, ouvindo mal, exclama:  
— Atropellado por um recruta.

## VARIEDADES

**Frango á arte nova** — Corte-se o frango e ponha-se a cozer n'uma çagarola, meio coberto de agua, com sal e pimenta, cenouras, cebôlas e um pouco de tomilho. Depois de cosido, tirem-se e escorram-se os bocados, polvilhem-se de farinha e frijam-se.

Ponham-se a fritar igualmente cebolas cortadas em rodas, e prepara-se o prato com as cebolas por cima. Deve servir-se sobre um môlho de tomate.

## POSTA RESTANTE

Thomaz G. — Os seus versos são todos de pé quebrado e se não lh'o dissemos ha mais tempo é porque os dias são, por enquanto, de 24 horas e não tivemos ainda occasião para isso.

A. P. — Ainda não pode ser. Vemos que vae melhorando, mas ainda não chega á bitôla.

Alfredo T. — Deixe-se de logographos e de charadas, faça antes colheres.

?



**QUAL É A COISA,  
QUAL É ELLA?**

**O CONCURSO DA 2.ª SÉRIE  
Prémio-UM TINTEIRO DE PRATA**

**Condições do Concurso**

1.ª—Decifrar, durante os 15 números da 2.ª Série, maior número d'artigos, além de 150.  
2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois números a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.  
As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

**DOIS NOVOS PREMIOS**

Em virtude do grande numero de decifradores resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradores que ficarem classificados em 2.º e 3.º logares.

**Decifrações**

Do n.º 19

*Brocattello — Mão tenente — Rodopio — Pacote — Laré — Jacuba — Marcapés — Despreso — Raiva, aviar — Puga, putega — Mappam — Sobrlejo — Acha — Hocco — Asno com fome cardos come.*

Do n.º 21

*Almecegado — Talhador — Lepidocaryo — Cosmos — Penado — Cotia — Solha, soalha — Ageometria, geometria — Rasgar, garras — Sotopor, sopor — Adom, moda — Mais vale tarde que nunca — Debaiixo do saial está o al — Hilo — Itu.*

A lista dos decifradores dos n.ºs 19, 20 e 21 será publicada no numero seguinte.

**Charadas**

Minha sorte abominavel  
Que toda a gente maldiz — 1  
Foi eu — instincto execravel! —  
Trucidar o meu nariz — 2

Mas o Diabo, bondoso  
Dulcifica o meu tormento  
Ao vibrar harmonioso  
D'este exótico instrumento

R. PASSOS

**Novissima**

O poema da mulher e da fazenda-2-2.

LITRAS

**Biforme**

O enlevo seduz-3.

AÇNAREPSE

**Syncopada**

Socega o rio-3-2.

F. DA M.

**Electrica**

A's direitas e ás avessas é planta-2.

SADO

**Adicionadas**

Peccado-2  
— bi —  
Planta-3

A. R

Animal-2  
— fi —  
Miseria-3

TIRA MITRAS & C.ª

Appellido-2  
— que —  
Tecido-3

JULIO R.

Zombaria-2  
— que —  
guisado-3

J. P.

**Enygmas**

A's direitas sou um tigre,  
Tambem posso ser leão,  
Ou então um simples gato;  
Mas não façam confusão

Pois em estando ás avessas  
Sou bastante delicada,  
Delgade, fina, lustrosa,  
Tenho uma santa gravada.

Ao meu visinho Raymundo  
Deu-lhe o caso que pensar,  
Porque d'ambas as maneiras  
Teimavam em lhe chamar.

J. P.

**Typographicos**

Nota, Pronome, Vogal, Nota.

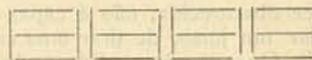
PINGOLINHAS

**Por iniciaes**

C V O F A E P A  
2 2 1 2 2 3 2 1

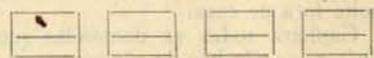
J. P.

**De palitos**



Tirando 8 palitos fica um appellido.

J. P.



Tirando 7 palitos fica um circulo duplo.

J. P.

Artigos a decifrar, 14

# ATTENÇÃO

Vamos iniciar no **Azulejos** uma secção de annuncios de compra e venda de gado cavallar e muar, inteiramente nova no paiz e que nos parece de toda a vantagem para o Sport Hyppico.

O vendedor virá a esta redacção, onde por modico preço, obterá uma senha que lhe dá direito a quatro annuncios e a apresentar-se no picadeiro do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Gagliardi, R. D. Pedro V, 70, afim de lhe ser resenhado o respectivo cavallo, resenha que será publicada e pela qual o comprador saberá a altura, ferro, cor, raça e mais condicções do animal á venda.

Este jornal não recebe commissão alguma de venda ou compra.

Julgamos por esta forma preencher uma lacuna que pode ser util, visto como sómente pelo annuncio o comprador ficará sabendo se o animal á venda satisfaz aos requisitos que deseja.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

# DEVANEIOS

Tempo de Valsa

VALSA

## Ceó Beça

INTRODUÇÃO

Musical score for the introduction of 'Ceó Beça'. It consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower in bass clef. The key signature has one flat (B-flat). The tempo is 'Tempo de Valsa'. The piece starts with a forte (*ff*) dynamic and a 'crescendo' marking. It then transitions to a piano (*pp*) dynamic with a 'una corda' instruction. The introduction concludes with a mezzo-forte (*mf*) dynamic and a 'brillante' marking. The piece ends with a 'rall.' (rallentando) marking and a 'Ced.' (Coda) sign.

Valsa

Main musical score for 'Ceó Beça', consisting of eight systems of two staves each. The piece begins with a piano (*p*) dynamic. The first system includes a 'Ced.' (Coda) sign. The second system features a forte (*f*) dynamic. The third system includes a 'Ced.' sign. The fourth system includes a 'Ced.' sign. The fifth system includes a 'Ced.' sign. The sixth system includes a 'Ced.' sign. The seventh system includes a 'Ced.' sign. The eighth system includes a 'Ced.' sign and a 'ff' dynamic. The piece concludes with a 'Ced.' sign and the instruction '(CONTINUA)'.

(CONTINUA)